

Espacialidades dos Cadáveres em Montinhos 6: Contributos para uma compreensão das Práticas Funerárias da Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular

Lídia Baptista^{1*}; Rui Pinheiro^{2**}; Zélia Rodrigues^{3***}

RESUMO:

Montinhos 6 foi identificado aquando dos trabalhos de acompanhamento arqueológico levados a cabo no âmbito da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé, em Serpa (Beja). A intervenção contemplou a escavação de uma vasta área, necessária para a construção de um reservatório de água, que compreende

duas colinas. A escavação permitiu identificar um número significativo de deposições funerárias, enquadráveis na idade do Bronze, em estruturas negativas escavadas no substrato rochoso, distribuídas por dois grandes núcleos. As deposições ocorrem maioritariamente em estruturas de tipo “hipogeu”, mas também em fossas circulares.

ABSTRACT:

Montinhos 6 was identified during the construction of the Block-Irrigation Brinches Enxoé at Serpa (Beja). The intervention included the archaeological excavation of a large area needed for the construction of a water reservoir, which includes two hills. During these works,

a significant number negative structures were identified (hypogea and pits), spread over two large areas. Within these structures, should be highlight the presence of several burial Bronze Age contexts some of it in hypogea and others in circular pits.

1 - *CEAUCP – CAM, Aluna de Doutoramento da FLUP, Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (lidiabap@gmail.com)

2 - **Arqueólogo, colaborador da Arqueologia & Património (ruipinheiro14@sapo.pt)

3 - ***Antropóloga, colaboradora da Arqueologia & Património (zelimaria@hotmail.com)

1. INTRODUÇÃO

O sítio de Montinhos 6 localiza-se na freguesia de Brinches, concelho de Serpa e distrito de Beja (figura 1). Os trabalhos arqueológicos foram executados pela empresa Arqueologia & Património no âmbito da minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega do Brinches-Enxoé – Fase de Obra. Estes trabalhos foram promovidos pela EDIA, S.A. e decorreram entre Junho e Setembro de 2009.

Montinhos 6 foi identificado pela equipa de acompanhamento arqueológico que detectou, em plano, uma série de estruturas em negativo na área de implantação de um reservatório. O sítio comprehende duas colinas próximas divididas por uma suave depressão correspondente a uma linha de água subterrânea. Embora se encontre num ponto elevado, o sítio não se destaca na paisagem envolvente, caracterizada por um suave ondulado de colinas. Contudo, o sítio constitui um lugar de excelência para uma boa “visualização” das Ribeiras do Enxoé a Sul e de Grafanes a Norte.

Durante os trabalhos de escavação arqueológica, nas 183 sondagens realizadas e numa área escavada em área (designada por Área A), numa área total de 725,23 m², foram identificadas 248 estruturas em negativo. Deste conjunto, 204 estruturas são de cronologia pré-histórica, 6 de cronologia tardo-romana, 9 de cronologia contemporânea e 29 de cronologia indeterminada (figura 2). Relativamente à tipologia das estruturas é

de salientar a ausência de qualquer dispositivo de tipo fosso ou valado que circunscrevesse este conjunto. Esta ausência é especialmente significativa se atentarmos ao facto de no total terem sido decapados 77713 m², ou seja, as duas colinas intervencionadas não apresentam qualquer delimitação para além do próprio relevo.

Quando procedemos à análise da distribuição das estruturas, denota-se uma concentração localizada no topo das colinas que se vai desvanecendo à medida que se desce nas vertentes. Tendo em consideração esta distribuição foram estabelecidos dois núcleos:

- o Núcleo I localiza-se na colina Nordeste, sendo constituído por uma área de concentração de estruturas em forma de osso (designada Área A), um conjunto de 10 hipogeus e várias estruturas de tipo “fossa”;
- o Núcleo II localiza-se na colina Sudoeste, sendo constituído por 4 hipogeus e várias estruturas de tipo “fossa”.

Pretende-se com este texto, focalizado nos contextos funerários e na análise comparativa entre hipogeus e fossas, discutir o conceito de ritual, propondo diferentes formas de “redes de acções” em que se constroem diferentes modos de arquitectura, contribuindo, desta forma, para o conhecimento das práticas deposicionais na Idade do Bronze.

2. AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS EM MONTINHOS 6

Quando começámos a trabalhar no interior alentejano, constatámos que estes sítios apenas são detectáveis quando ocorre a remoção dos níveis de cobertura (correspondentes às terras de lavra) e se expõe o substrato, onde estas estruturas se abrem. À superfície não se encontravam quaisquer elementos artefactuais que denunciassem a existência de um sítio. No mapa, correspondente ao concelho de Serpa, podemos ver cartografados os sítios da Idade do Bronze identificados no decurso da implementação das medidas de minimização de impactes do Projecto Bloco de Rega Brinches-Enxoé (figura 3). Estes sítios identificados no âmbito destes trabalhos apresentam, somente, estruturas em negativo. Realçámos que este

tipo de arquitectura, outrora considerada excepcional, predomina e modela a paisagem alentejana quase ausente do registo arqueológico (JORGE: 1988), ganha visibilidade nos últimos anos (ANTUNES et al.: 2012)..

Com efeito, embora o aparecimento destas realidades no âmbito Peninsular não seja recente (BELLIDO BLANCO: 1996; CASTIELLA: 1997), o debate é ainda actual. Na análise bibliográfica desta temática, o que transparece do discurso é que, quanto à designação e interpretação destas estruturas (MÁRQUEZ: 2001; PALOMINO et al. 1999), embora se denote uma tentativa de ultrapassar uma interpretação estritamente funcionalista, o uso de certas designações permanece. Quando a escala de análise se focaliza no sítio, verificámos a valorização de

linhas de pesquisa centradas na organização espacial e funcional das estruturas cuja interpretação se baseia fundamentalmente em dicotomias: como povoado/necrópole. Estas dicotomias estão também presentes nas interpretações dos contextos. Não é nosso objectivo discutir o modo como tais dicotomias são actualizadas, mas, centremo-nos apenas numa delas: contentor e conteúdos. A partir desta dicotomia, são feitas, de um modo geral, interpretações que partindo dos conteúdos dão uma função ao contentor. Quando há fragmentos de coisas são lixeiras, quando há sementes são silos e quando há cadáveres são túmulos. Colocando-se também a hipótese de reutilizações e, consequentemente, mudanças de funções.

Quando analisamos a literatura de síntese acerca do quadro crono-cultural da Idade do Bronze (JORGE: 1990; CARDOSO: 2002) e dado que este discurso se baseia maioritariamente em contextos funerários, este período caracteriza-se pelo aparecimento da inumação individual que se torna numa prática corrente. Os corpos são colocados, usualmente, em decúbito lateral, em cistas ou fossas cobertas com lajes, muitas vezes colmatadas com a construção de um tumulus em pedra ou terra. Um dos aspectos mais relevantes destas práticas decorre da constituição das oferendas que acompanham as inumações. Os vasos cerâmicos são os mais frequentes, embora surjam armas e utensílios metálicos. Avariedade, quantidade e qualidade das oferendas associadas é muitas vezes interpretada, como reflexo directo da riqueza e status que estes indivíduos tinham em vida. O aparecimento, cada vez mais expressivo, de elementos metálicos e tampas de sepultura com representação de armas e outros atributos da função de chefia, permitiu o emergir de figuras como "chefes", "guerreiros" e "metalurgistas". Acrescentam que, as influências mediterrânicas presentes na Península Ibérica se devem à riqueza dos recursos em minério, principalmente a sul, na faixa piritosa. A cobiça pelas principais jazidas de

cobre levaria à emergência de elites e guerreiros para legitimar e defender estes territórios. Muitas vezes a presença de armas em sepulturas com indivíduos do sexo masculino é encarado como tratando-se de um guerreiro e, consequentemente, levou à associação de punções às figuras femininas, agregadas a actividades ligadas à produção de cerâmica, trabalho de peles, etc.

Nesta ordem de ideias, a interpretação destes sítios vai no sentido de reduzir as materialidades identificadas a um conjunto de classe de contextos cuja interacção define um quadro sócio-económico que, de certo modo, pretende ilustrar um estádio de desenvolvimento das comunidades do interior alentejano. No nosso trabalho pretendemos revisitar tal sistematização dos "dados arqueológicos" através de outros inquéritos que, em vez de direcionar a sua organização no sentido de uma narrativa de complexidades tecnológicas, económicas e sociais, tenta interrogar-se acerca dos modos de produção de espaços. Esta alternativa decorre de uma série de sugestões discutidas num workshop realizado em Janeiro de 2011 por Lesley McFadyen (CEAUCP) onde alguns dos participantes, nomeadamente Susana Oliveira Jorge, sugeriram que se tentasse desenvolver um olhar sobre os contextos arqueológicos que privilegiasse a construção de uma "rede de acções". Tal rede de acções se, em alguns pontos, pode partilhar determinados aspectos de um exercício de inferência com o qual se constroem explicações de carácter funcional (por exemplo), nem por isso se esgota na fixação de um sentido para determinado contexto. Pelo contrário, pretende criar redes que continuamente remodelam os sentidos que vamos criando para esses mesmos contextos, questionando-se acerca das possibilidades e os limites da acção de determinado cenário que nos pode ser sugerido por determinado contexto. Nos próximos pontos ensaiaremos tal programa de pesquisa, considerando contextos onde participam cadáveres.

DEPOSIÇÕES EM HIPOGEUS

Por hipogeus referimo-nos a estruturas escavadas no subsolo compostas por áreas de acesso (ou antecâmaras) e câmaras funerárias. Este tipo de estruturas ocorrem em estações próximas de Montinhos 6 (Torre Velha 12, Torre Velha 3 e Outeiro Alto 2, por

exemplo). No conjunto das estruturas intervencionadas foram identificados 14 hipogeus.

Considerando as suas variações morfológicas, estabeleceu-se dois tipos (tabela 1):

- o Tipo A é constituído por uma ante-câmara de

acesso de planta ovóide, por vezes em rampa, para uma câmara funerária circular (figura 4 e 5); deste tipo existem 4, apresentando um deles uma fossa pré-existente que foi “incorporada” na construção da estrutura;

- o Tipo B é constituído por uma ante-câmara de acesso de planta quadrangular/rectangular para uma (Tipo B1) (figura 6 e 7) ou duas câmaras funerárias circulares (Tipo B2); este conjunto de 10 hipogeus varia entre si, considerando a existência ou não de uma

fossa pré-existente que foi “incorporada” na construção da estrutura (8 hipogeus apresentam fossas pré-existentes).

No núcleo I encontramos 2 hipogeus do tipo A e 8 do tipo B, na sua maioria, concentrados no ponto mais alto da colina. No núcleo II encontramos 2 hipogeus do tipo A e 2 do tipo B, e a sua distribuição é mais dispersa, encontrando-se hipogeu 20 numa área mais periférica deste Núcleo.

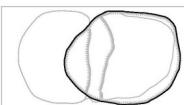
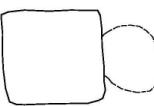
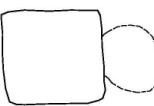
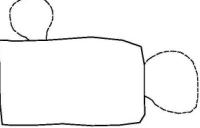
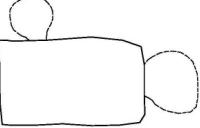
Tipo	Descrição	Estruturas	Planta Simplificada	Secção Simplificada
A	Antecâmara ovóide com uma câmara circular	H20, H89, H102, H156		
B1.1	Antecâmara Quadrangular/rectangular com uma câmara circular	H158		
B1.2	Antecâmara quadrangular / rectangular com uma câmara circular; a antecâmara apresenta uma fossa pré-existente	H47, H49, H59, H153, H167, H169		
B2.1	Antecâmara Quadrangular/rectangular com duas câmaras circulares	H159		
B2.2	Antecâmara Quadrangular/rectangular com uma câmara circular; a antecâmara apresenta uma fossa pré-existente	H118, H155		

Tabela 1 – Tipologia de Hipogeus

As câmaras, de ambos os tipos, encontravam-se seladas por pedras (figura 4 e 6), maioritariamente de grandes dimensões, com argila e/ou terra nas juntas. No que diz respeito às dimensões das antecâmaras e das câmaras funerárias existe uma grande variabilidade. Esta diversidade também é patente nas orientações das câmaras, embora apresentem sobretudo as orientações Nordeste-Sudoeste/Sudoeste-Nordeste/Noroeste-Sudeste/Sudeste-Noroeste. Não estão presentes os pontos cardeais Norte-Sul e apenas o Hipogeu 20 tem a orientação Este-Oeste (figura 8).

Quando consideramos o número mínimo de indivíduos presente em cada câmara funerária, podemos destacar que:

- nos hipogeus de Tipo A, num total de 4 câmaras funerárias, 2 apresentam a inumação de apenas 1 indivíduo, é o caso dos H.156 e H89; o H20 e H102 apresentam 3 e 4 indivíduos, respectivamente;

- nos hipogeus de Tipo B, num total de 13 câmaras funerárias, 8 apresentam 1 só indivíduo e as restantes câmaras apresentam entre 2 a 5 indivíduos (figuras 9 e 11)

Quanto à análise da distribuição dos indivíduos por sexo verifica-se que:

- no Tipo A, num total de 9 indivíduos, 3 são do sexo masculino, 3 do sexo feminino, e 3 não foi possível determinar o sexo (tratam-se de 2 indivíduos adultos e 1 sub-adulto);

- no Tipo B, num total de 23 indivíduos, 4 são do sexo

masculino, 10 do sexo feminino, em 7 indivíduos adultos não foi possível determinar o sexo e 2 correspondem a sub-adultos.

Nos esqueletos em conexão anatómica presentes em ambos os tipos de hipogeus de Tipo B verificamos que:

- os 3 indivíduos de sexo masculino encontram-se depositados em decúbito lateral esquerdo, com a face sempre voltada para a entrada da câmara,;

- dos 9 indivíduos de sexo feminino, 6 estão de costas para a entrada, em posição decúbito lateral esquerdo e decúbito lateral direito, dois estão em decúbito dorsal com os membros inferiores flectidos e num deles não foi possível identificar a sua posição original.

Quanto às oferendas presentes em ambos os tipos de hipogeus, destaca-se que, as cerâmicas são as mais representadas. São maioritariamente taças esféricas e taças carenadas, existindo igualmente formas mais raras, de pequenas dimensões e perfis mais sinuosos. As cerâmicas surgem muitas vezes acompanhadas por punções, punhais de rebites e oferendas cárnicas.

Temos ainda um caso único de uma deposição de um cúbito humano junto ao indivíduo do H.118 (figuras 10, 12, 13 e 14).

Quando consideramos as relações entre os depósitos de enchimento, os níveis de inumação e os diferentes espaços que compõem os hipogeus, é de salientar que:

- a maioria dos depósitos de enchimento da estrutura não continha qualquer artefacto; e apresenta características similares ao substrato onde estas são abertas;

- a especificidade arquitectónica é claramente definida pela prática funerária;

- a maioria dos cadáveres correspondem a adultos.

- os artefactos estão sempre associados com os corpos;

- os artefactos (cerâmica e objectos metálicos) associados com os corpos estão completos;

- e apenas as “oferendas cárnicas” são fragmentos (de um animal), mas os ossos representados estão completos.

DEPOSIÇÕES EM FOSSA

Além de deposições funerárias em hipogeus, temos enterramentos em 7 fossas, onde foram exumados 9 indivíduos (figura 15). Estas ocorrem tanto no Núcleo I como no Núcleo II, com 2 e 5 fossas respectivamente. Nos enterramentos em fossa, o indivíduo é depositado em posições diversas e verifica-se a ocorrência de um ou dois indivíduos.

Mas mais que semelhanças nas práticas de deposição com os hipogeus, os enterramentos em fossa apresentam outras particularidades:

- as dimensões das estruturas (diâmetro da boca, diâmetro máximo, profundidade) são variáveis ; todas apresentam plantas sub-circulares; tratam-se de formas abertas e fechadas que, na sua maioria, apresentam “corpos” cilíndricos e as suas bases são aplanadas; em 3 casos apresentam nichos parietais;

- dos 9 indivíduos exumados 4 são sub-adultos e 5 adultos; do conjunto dos adultos apenas foi possível determinar o sexo em 2 casos, ambos do sexo feminino. nos 5 indivíduos adultos 2 são do sexo feminino e 3 de sexo indeterminado.

- o indivíduo adulto de sexo indeterminado exumado na F.10 encontra-se sentado. Aliás o espaço físico desta estrutura não permitiria que o corpo fosse colocado na horizontal;

- na F.127 (figura 18) encontramos um adulto de sexo feminino, em posição quase sentada, com parte do dorso encostada à parede da fossa, os membros inferiores encontravam-se abertos e flectidos, isto é, com os pés sob os fêmures. A zona articular do joelho encontrava-se muito próxima da parede oposta. Neste contexto, surgem dois elementos pétreos que encerram a combinação: uma grande pedra de gabro entre os fêmures e um fragmento de mó sobre as mãos e antebraços;

- na F.26 temos um indivíduo adulto de sexo indeterminado colocado em decúbito lateral direito;

- Na F. 72 (a estrutura menos profunda do conjunto) (figura 16) encontramos um adulto de sexo feminino e um sub-adulto (de 6-7 anos), ambos em posição de decúbito lateral direito mas com orientações crânio-pés opostas, encontrando-se o sub-adulto colocado sobre o adulto;

- as F. 152, F. 77 e 144, apresentam um nicho parietal. Na F.152 a primeira inumação de uma criança de 7-10 anos de idade à morte ocorre num nicho parietal (figura 19). Não obstante a intencionalidade desta construção para sepultar, trata-se de um espaço insuficiente para conter este indivíduo. Aliás achamos que apenas a crânio e os membros inferiores foram colocados no

seu interior, tendo o restante corpo que se apoia no depósito da fossa. Esta possibilidade faz-nos pensar que as falanges de um animal recolhido no topo do depósito possam estar em associação com a inumação. Achamos também que este enterramento terá estado em espaço aberto por um período indeterminado (e que ainda teria tecidos moles quando foi aterrado). A segunda inumação, de um indivíduo sub-adulto com 14 anos de idade à morte, ocorre na área da fossa, após o aterro ao qual estava associado um colar em contas de osso e búzios;

- AF.77 (figura 17) poderá tratar-se da única estrutura na qual se detectou a destruição parcial de depósitos pré-existentes para esculpir um nicho parietal e sepultar

um indivíduo sub-adulto (24-30 meses). Este nicho encontrava-se selado por fragmentos de mó;

- A F.144 encontrava-se muito destruída, tinha já sido arrasada pelas máquinas cerca de 40 cm; apenas se conseguiu recuperar a base do nicho e parte da parede. Com base nas poucas peças ósseas recuperadas podemos avançar que se tratava de um indivíduo adulto de sexo indeterminado e possivelmente estaria em posição de decúbito lateral;

- Com exceção da F.10 e F.72, as restantes continham elementos artefactuais nos seus enchimentos, embora apenas tenha sido detectadas associações directas com os inumados na F.152 e F.127.

DEPOSIÇÕES EM "COVACHOS" E VALA

Além de deposições funerárias em hipogeus, temos enterramentos em 7 fossas, onde foram exumados 9 indivíduos (figura 15). Estas ocorrem tanto no Núcleo I como no Núcleo II, com 2 e 5 fossas respectivamente. Nos enterramentos em fossa, o indivíduo é depositado em posições diversas e verifica-se a ocorrência de um ou dois indivíduos.

Mas mais que semelhanças nas práticas de deposição com os hipogeus, os enterramentos em fossa apresentam outras particularidades:

- as dimensões das estruturas (diâmetro da boca, diâmetro máximo, profundidade) são variáveis ; todas apresentam plantas sub-circulares; tratam-se de formas abertas e fechadas que, na sua maioria, apresentam "corpos" cilíndricos e as suas bases são aplanadas; em 3 casos apresentam nichos parietais;

- dos 9 indivíduos exumados 4 são sub-adultos e 5 adultos; do conjunto dos adultos apenas foi possível determinar o sexo em 2 casos, ambos do sexo feminino. nos 5 indivíduos adultos 2 são do sexo feminino e 3 de sexo indeterminado.

- o indivíduo adulto de sexo indeterminado exumado na F.10 encontra-se sentado. Aliás o espaço físico desta estrutura não permitiria que o corpo fosse colocado na horizontal;

- na F.127 (figura 18) encontramos um adulto de sexo feminino, em posição quase sentada, com parte do dorso encostada à parede da fossa, os membros inferiores encontravam-se abertos e flectidos, isto é, com os pés sob os fêmures. A zona articular do joelho encontrava-se muito próxima da parede oposta. Neste

contexto, surgem dois elementos pétreos que encerram a combinação: uma grande pedra de gabro entre os fêmures e um fragmento de mó sobre as mãos e antebraços;

- na F.26 temos um indivíduo adulto de sexo indeterminado colocado em decúbito lateral direito;

- Na F. 72 (a estrutura menos profunda do conjunto) (figura 16) encontramos um adulto de sexo feminino e um sub-adulto (de 6-7 anos), ambos em posição de decúbito lateral direito mas com orientações crânio-pés opostas, encontrando-se o sub-adulto colocado sobre o adulto;

- as F. 152, F. 77 e 144, apresentam um nicho parietal. Na F.152 a primeira inumação de uma criança de 7-10 anos de idade à morte ocorre num nicho parietal (figura 19). Não obstante a intencionalidade desta construção para sepultar, trata-se de um espaço insuficiente para conter este indivíduo. Aliás achamos que apenas a crânio e os membros inferiores foram colocados no seu interior, tendo o restante corpo que se apoia no depósito da fossa. Esta possibilidade faz-nos pensar que as falanges de um animal recolhido no topo do depósito possam estar em associação com a inumação. Achamos também que este enterramento terá estado em espaço aberto por um período indeterminado (e que ainda teria tecidos moles quando foi aterrado). A segunda inumação, de um indivíduo sub-adulto com 14 anos de idade à morte, ocorre na área da fossa, após o aterro ao qual estava associado um colar em contas de osso e búzios;

- AF.77 (figura 17) poderá tratar-se da única estrutura

na qual se detectou a destruição parcial de depósitos pré-existentes para esculpir um nicho parietal e sepultar um indivíduo sub-adulto (24-30 meses). Este nicho encontrava-se selado por fragmentos de mó;

- A F.144 encontrava-se muito destruída, tinha já sido arrasada pelas máquinas cerca de 40 cm; apenas se conseguiu recuperar a base do nicho e parte da parede. Com base nas poucas peças ósseas recuperadas

podemos avançar que se tratava de um indivíduo adulto de sexo indeterminado e possivelmente estaria em posição de decúbito lateral;

- Com excepção da F.10 e F72, as restantes continham elementos artefactuais nos seus enchimentos, embora apenas tenha sido detectadas associações directas com os inumados na F.152 e F.127.

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE FOSSAS E HIPOGEUS

	Fossas com inumações	Hipogeus
Morfologia	A morfologia das fossas é muito diversificada.	Os hipogeus, apesar de apresentarem variações, facilmente são agrupáveis em conjunto semelhantes, como demonstramos anteriormente no exercício de tipificação que propusemos.
Distribuição espacial	Ocorrem 2 fossas no Núcleo I e 5 no Núcleo II	Ocorrem apenas 4 hipogeus no Núcleo II e 10 no Núcleo I.
Depósitos de enchimento	A maioria dos depósitos de enchimento das fossas apresentam artefactos.	Os artefactos são exclusivos dos níveis de inumação, sendo que, nos restantes depósitos a sua presença é vestigial.
	Os depósitos de enchimento das estruturas apresentam características diferentes.	Os depósitos de enchimento são muito semelhantes ao substrato geológico.
Inumações	Os cadáveres correspondem, fundamentalmente, a sub-adultos e apresentam uma variedade de posições.	Os cadáveres correspondem maioritariamente a adultos e são inumados em posições semelhantes.
Artefactos	As inumações em fossa, na maior parte dos casos, não apresentam artefactos em associação directa com os inumados.	Os artefactos ocorrem em associação directa a inumações.
	A cerâmica ocorre fragmentada e remete para complexas redes de fragmentação.	O elementos que compõem as “oferendas funerários” estão inteiros, à excepção das “ofertas cárnica”.
	A rede de accções que se pode construir a partir de cada estrutura apresenta-se muito distinta.	Nos hipogeus os elementos que participam nas inumações repetem-se.

Tabela 2 – Comparação entre fossas com inumações e hipogeus

Quando consideramos as relações entre os depósitos de enchimento, os níveis de inumação e os diferentes espaços que compõem os hipogeus, é de salientar que:

- a maioria dos depósitos de enchimento da estrutura não continha qualquer artefacto; e apresenta características similares ao substrato onde estas são abertas;
- a complexidade arquitectónica é definida pela prática funerária para que foi esculpida;
- a maioria dos cadáveres corresponde a adultos.
- os artefactos estão sempre associados com os cadáveres;
- os artefactos (cerâmica e objectos metálicos) associados com os cadáveres estão completos;
- e apenas as “oferendas cárnicas” são fragmentos (de um animal), mas os ossos representados estão completos.

No caso das inumações em fossa, gostaríamos de salientar que deverão ser analisadas conjuntamente com as restantes fossas, uma vez que apresentam uma

rede complexa na qual ocorrem fenómenos de abertura de estruturas, fragmentação de materiais, enchimento de estruturas e deposições que coloca cada fossa numa profusão de movimentos. Assim, se alargarmos a análise às restantes fossas, devemos acrescentar os seguintes aspectos:

- a maioria dos depósitos de enchimento das fossas tem artefactos; e apresentam características diferentes;
- identificação de deposições diversas constituídas apenas por artefactos;
- a cerâmica proveniente das fossas é tipologicamente similar à cerâmica dos hipogeus;
- a cerâmica proveniente destas estruturas encontra-se fragmentada, ao contrário da dos hipogeus.
- existem vários casos de metades de vasos, cuja deposição ocorre em locais diferentes da mesma estrutura.
- estabelecem-se remontagens entre fossas, o que nos permite acrescentar relações temporais entre estruturas;

3. NOTAS FINAIS

Tendo em conta que se trata de um exercício em curso, e que se trata de uma comparação, as diferenças enunciadas a partir da análise da morfologia, dos depósitos, das sequências de enchimento, as deposições em fossas e hipogeus apontam para diferentes formas redes de acções em que se constroem diferentes modos de arquitectura. Esta questão está ainda em aberto, mas, pelos elementos que até agora fomos reunindo, parece-nos que a arquitectura dos hipogeus é mais constrangedora na posição dos elementos que cataliza. Em contrapartida, nas fossas esse constrangimento parece ir no sentido de um leque maior de possibilidades de uso das coisas que nelas participam, sendo a fragmentação e a disseminação espacial de fragmentos, um dos processos que entra nessas possibilidades de usar as coisas e fazer arquitecturas.

Usar as coisas e fazer arquitecturas segundo uma tradição, e relacionar-se com esse modo de usar e fazer arquitecturas enquanto uma actividade ritual que activa redes de coisas, ideias e pessoas. Citemos Julian Thomas (2004:171):“(...) ritual is not simply a set of beliefs or ideas, but a performance that takes place in the material world. As such, material culture – both artefacts and structures – is an integral element in ritual

(...)”. Assim o ritual é uma acção prescrita, codificada, mas não necessariamente rígida e fixa. Ou seja, pode significar que as várias pessoas que participam num ritual possam ser capazes de oferecer uma variedade de leituras diferentes para o que está a acontecer, principalmente se elas trazem diferentes histórias, identidades e experiências à performance. Nesta perspectiva, a heterogeneidade visível nas deposições funerárias de Montinhos 6 pode ser o reflexo da tradição, memória, identidade e cerimónia intrínsecas ao ritual. Tradição, na medida em que, o ritual, como performance codificada, se aprende através da repetição, ou seja, o ritual é um exercício de citação. Tendo presente a tradição, o ritual é baseado na memória, que prevalecerá se ele próprio for memorável. Sendo memorável, está associado à cerimónia, na qual através de ritos diversos participam a comida, a bebida, a indumentária, a música, a dança e tantos outros elementos. O ritual, embora não totalmente rígido e fixo, é codificado e extremamente determinado por regras em que determinadas pessoas tem papéis pré-estabelecidos a cumprir. O ritual serve para clarificar ou reforçar distinções sociais e os papéis de cada um. Assim, o ritual, sendo rígido abre também a possibilidade à fluidez. Neste sentido, e citando Joanna

Bruck (2004:311): “(...) identity is not something that people have, an unchanging set of qualities; rather, it is an ongoing act of production – an inherently fluid set of properties under continual construction and revision.” Tal produção inherentemente fluida desta rede em que participam comunidades distintas, faz-nos pensar que as influências mediterrânicas visíveis em Montinhos 6, e noutras necrópoles conhecidas no concelho (SOARES: 1994; ALVES et al.: 2010), terão sido o resultado de contactos entre diferentes grupos supra-regionais numa rede de circulação/manipulação de coisas (bens, pessoas, ideias). Assim, mais do que a importação directa de modelos de organização dos espaços onde se sepultam os mortos, parece estarmos perante um

cenário em que se partilham e organizam semelhanças e diferenças e se praticam os rituais para as negociar.

Nessa negociação, e nos rituais que nela se constroem como forma de organizar as coisas, reificam-se as redes de acções. Reificam-se os modos como a experiência das coisas pode acontecer. Num incessante movimento de coisas que, umas vezes são usadas de um modo e outras vezes implicam a mudança das condições em que são usadas. São redes rizomáticas em que se tecem hegemonias e modos de as combater. Se tecem as redes onde as coisas tanto circulam entre o pré-estabelecido como rasgam novos caminhos a percorrer. Tanto circulam mantendo a ordem como se desviam exigindo a sua reformulação.

AGRADECIMENTOS:

Este trabalho não teria sido possível sem o empenho de todos os elementos que compõem a equipa de campo e de gabinete. As fotografias de espólio ficaram a cargo de João Molha. O estudo e inventário do espólio recuperado foi efectuado por Lídia Baptista e Nelson Vale, com o apoio de José Grilo, Cláudio Jorge

e Francisco Barros. As ilustrações foram realizadas por Lídia Baptista e Rodry Mendonça. A todos, o nosso agradecimento. Gostaríamos de agradecer à Susana Oliveira Jorge, Lesley McFayen e Sérgio Gomes pelo incentivo e inspiração.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, S., PORFÍRIO, E., SERRA, M., SOARES, A. M. M., MORENO-GARCÍA, M. (2010) – “Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa Portugal). O Sudeste no Sudoeste?!” *Zephyrus*, LXVI, pp. 133-153.
- ANTUNES, A.S.; DEUS, M.; SOARES, A.M.; SANTOS, F.; ARÊZ, L.; DEWULF, J.; BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L. (2012) “Povoados Abertos do Bronze Final na Médio e Baixo Guadiana” *Sidereum Ana II – El valle del Guadiana en el Bronce Final* editado por J. Jiménez Ávila. CSIC, Instituto de Arqueología de Mérida, Anejos de Archivo Español de Arqueología, pp. 277-308.
- BAPTISTA, Lídia (2011) – «Depositional Practices and “negative structures” in the South of Portugal during the Bronze Age: The Case of Montinhos 6 (Serpa).» comunicação apresentada no Workshop - A Joint Consideration of the Study of Prehistory in Britain and Portugal: Towards a Critical Understanding of Time, Space, Practice and Object in the Prehistoric Past, em Janeiro de 2011, na FLUP.
- A Joint Consideration of the Study of Prehistory in Britain and Portugal: Towards a Critical Understanding of Time, Space, Practice and Object in the Prehistoric Past, em Janeiro de 2011, na FLUP.
- BAPTISTA, Lídia, RODRIGUES, Zélia (2010) - “Deposições funerárias Pré-históricas no sítio de Montinhos 6 (Brinches, Serpa): dados arqueológicos e antropológicos preliminares.” Comunicação apresentada no 4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva –Plano de Rega, Fevereiro de 2010.
- BELLIDO BLANCO, A. (1996) - Los campos de Hoyos. Inicio de la economía agrícola en la submeseta norte. *Studia Archaeologica*, 85, Zaragoza
- BRÜCK, Joanna (2004) - “Material metaphors: The relational construction of identity in Early Bronze Age burials in Ireland and Britain”, *Journal of Social Archaeology*, 4, 307-333, 2004
- BRÜCK, Joanna (2006) - “Death, Exchange and Reproduction in the British Bronze Age”, *European Journal of Archaeology*, 9, 73-101.

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- BRUDENELL, M. and COOPER. A. (2008) - "Post-Middenism: Depositional Histories on Later Bronze Age Settlements at Broom, Bedfordshire." Oxford Journal of Archaeology 27(1): 15-36.
- CARDOSO, J. L. (2002) - Pré-história de Portugal, Verbo
- CASTIELLA, A. (1997) - A propósito de un campo de hoyos en la Cuenca de Pamplona. Cadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra.
- CHAPMAN, J., B. GAYDARSKA. (2006) - Parts and Wholes: Categorisation and Fragmentation in Prehistoric Context. Oxbow Books, Oxford.
- GARROW, D; BEADSMOORE, E. and KNIGHT, M. (2005) - "Pit Clusters and the Temporality of Occupation: an Earlier Neolithic Site at Kilverstone, Thetford, Norfolk." Proceedings of the Prehistoric Society 71: 139-157.
- JORGE, S. O. (1988), O Povoado da Bouça do Frade no Quadro do Bronze Final do Norte de Portugal, Porto, G.E.A.P.
- JORGE, S. O. (1990), Complexificação das Sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios, Nova História de Portugal (coord. Jorge de Alarcao), Vol. I - Portugal. Das Origens à Romanização, Lisboa, Ed. Presença, pp. 213-251.
- JORGE, S. O. (2005) O Passado é Redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais, Porto, Edições Afrontamento.
- MÁRQUEZ, J. E. (2001) - De los campos de silos a los agujeros negros: sobre pozos, depósitos y zanjas en la Prehistoria Reciente del Sur de la Península Ibérica. Spal 10, pp.207-220.
- MCFAYDEN, Lesley (no prelo) Fragmentation in Castelo Velho.
- MCFADYEN, L. (2006), "Material culture as architecture - Neolithic long barrows in Southern Britain" Journal of Iberian Archaeology, 8: 91-102.
- NEMUS (2008) - RECAPE dos Projectos de Execução do bloco de rega de Orada-Amoreira e do bloco de rega de Brinches (2008)
- PALOMINO, A. L.; NEGREDO, M. J. Y ABARQUERO, F. J. (1999) - Cabañas, basureros, silos y tumbas en el yacimiento de El Cerro, La Horra (Burgos): a vueltas sobre el significado de un campo de hoyos en la E. del Bronce de la Meseta. Numantia 7, pp.21-41
- PARREIRA, R. (1995) - "Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior." In ARMSTRONG, Barbara [et al.] Aidade do Bronze em Portugal: discursos de poder. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1995.
- SOARES, António Monge (1994) - O Bronze do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. As Necrópoles do Concelho de Serpa. V Jornadas Arqueológicas. Lisboa: AAP. Vol II, pp. 179-197
- SOARES, António Monge (2005) - "Os povoados do Bronze Final do sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos". Revista Portuguesa de Arqueologia. 8:1 (2005) 111-145
- THOMAS, J. (1999) - Understanding the Neolithic , Routledge, London
- THOMAS, J. (2004) - "The ritual universe", Scotland in Ancient Europe , Society of Antiquaries of Scotland, 171-178
- VALERA, A.C. e FILIPE, V. (2010) - "Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze", Apontamentos de Arqueologia e Património, 5, NIA-ERA Arqueologia, Lisboa, p.49-56.
- VILAÇA, Raquel (1997) - "Das primeiras comunidades humanas à chegada dos romanos". In LOPES, M.C.; CARVALHO, P.C.; GOMES, S.M. - Arqueologia do Concelho de Serpa. Serpa: Câmara Municipal de Serpa, 1997. p. 127-133.

FIGURAS

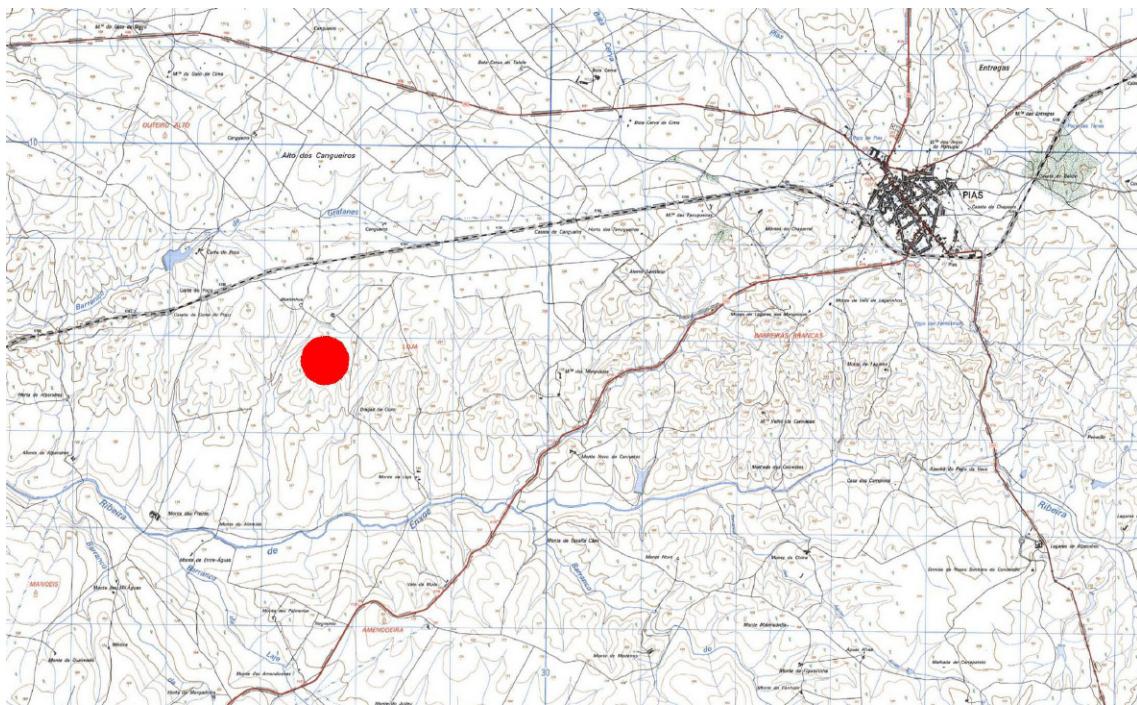


Figura 1 - Localização de Montinhos 6 (Carta Militar N.º 523).

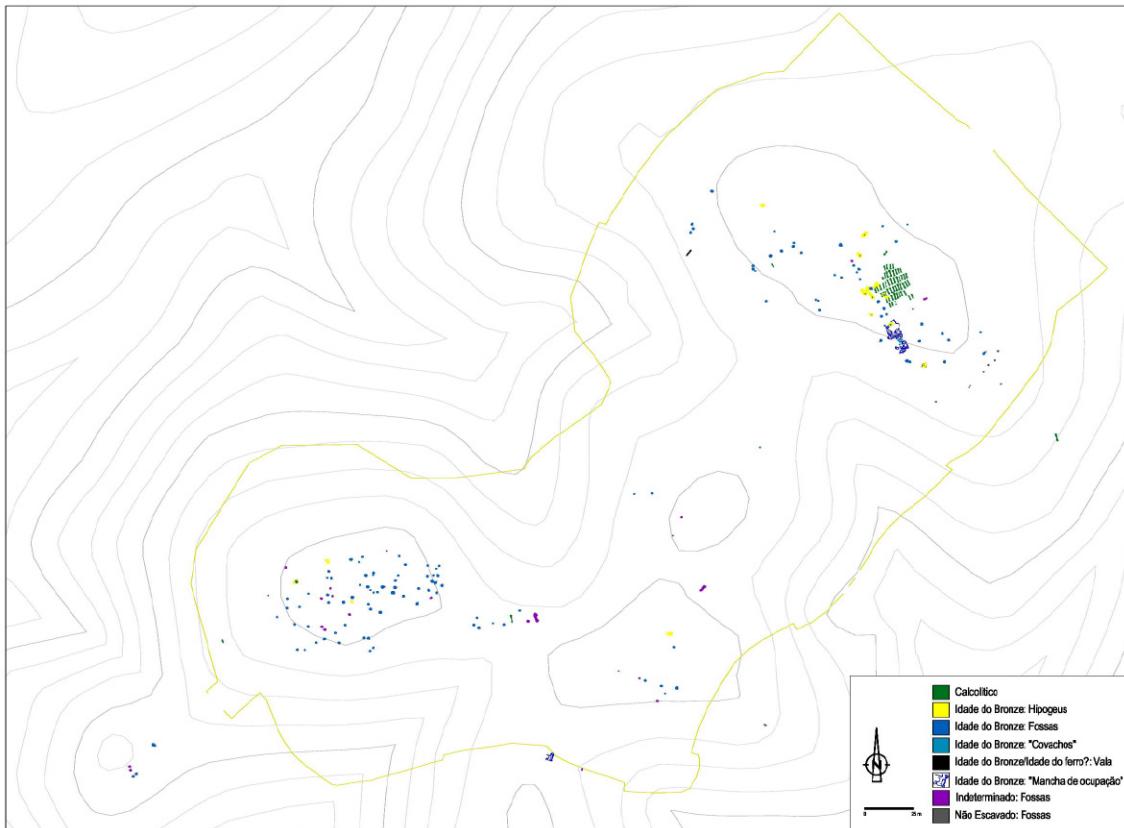


Figura 2 - Mapa de distribuição das estruturas de cronologia pré-histórica em Montinhos 6.

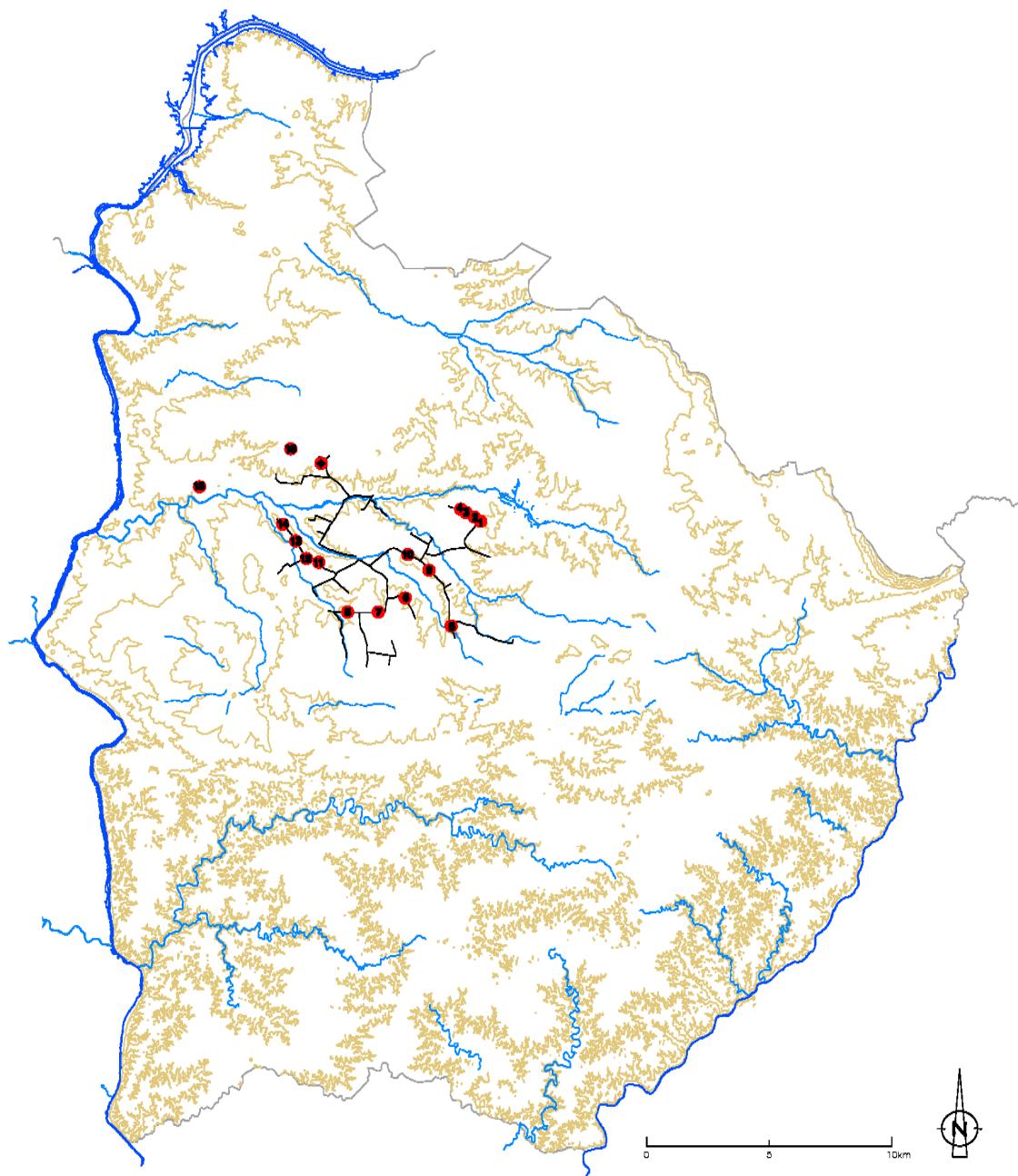


Figura 3 - Localização dos sítios da Idade do Bronze intervencionados pela equipa da Arqueologia & Património, no âmbito do bloco rega de Brinches-Enxoé (fase de obra).

j. Montinhos 6; 1. Aguas Alvas 1; 2. Monte da Chilra; 3. Monte da Chilra 1; 4. Monte da Chilra 2; 5. Meirinho 4; 6. Laje 2; 7. Maria da Guarda 3; 8. Cidade das Rosas 4; 9. Santo Estevão 1; 10. Torre Velha 12; 11. Espicharrabo 4; 12. Horta da Morgadinha 2; 13. Horta da Morgadinha 1; 14. Horta da Morgadinha; 15. Salsa 3; 16. Montinhos 3;



Figura 4 - Hipogeu da Sondagem N.º 20: Tipo A – estrutura de fecho.



Figura 5 - Hipogeu da Sondagem N.º 20: Tipo A – plano final.



Figura 6 - Hipogeu da Sondagem N.º 49: Tipo B.1.2. - Estrutura de Fecho.



Figura 7 - Hipogeu da Sondagem N.º 49: Tipo B.1.2. - Plano Final

**ESPACEALIDADES DOS CADÁVERES EM MONTINHOS 6:
CONTRIBUTOS PARA UMA CONTRIBUIÇÃO DAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS DA IDADE DO BRONZE NO SUDOESTE PENINSULAR**

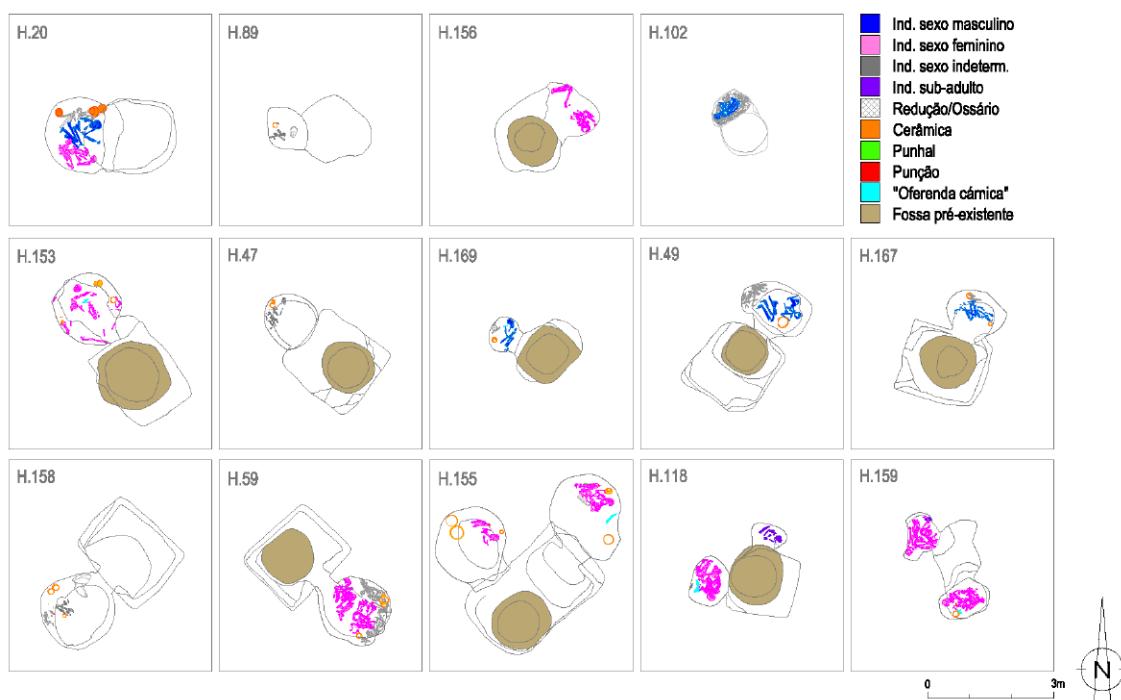


Figura 8 - Síntese dos níveis de inumação em hipogeus.



Figura 9 - Hipogeu da Sondagem N.º 167: nível de inumação.



Figura 10 - Hipogeu da Sondagem N.º 167: "oferendas".



Figura 11 - Hipogeu da Sondagem N.º 59: nível de inumação.



Figura 12 - Hipogeu da Sondagem N.º 59: “oferendas.”



Figura 13 - Vasos provenientes dos Hipogeus da Sondagens N.º 49 e N.º 47 (da esquerda para a direita, respectivamente).



Figura 14 - Punhais de rebites provenientes dos Hipogeuas das Sondagens N.º 155, 47, 59 e 158 (da esquerda para a direita, respectivamente).

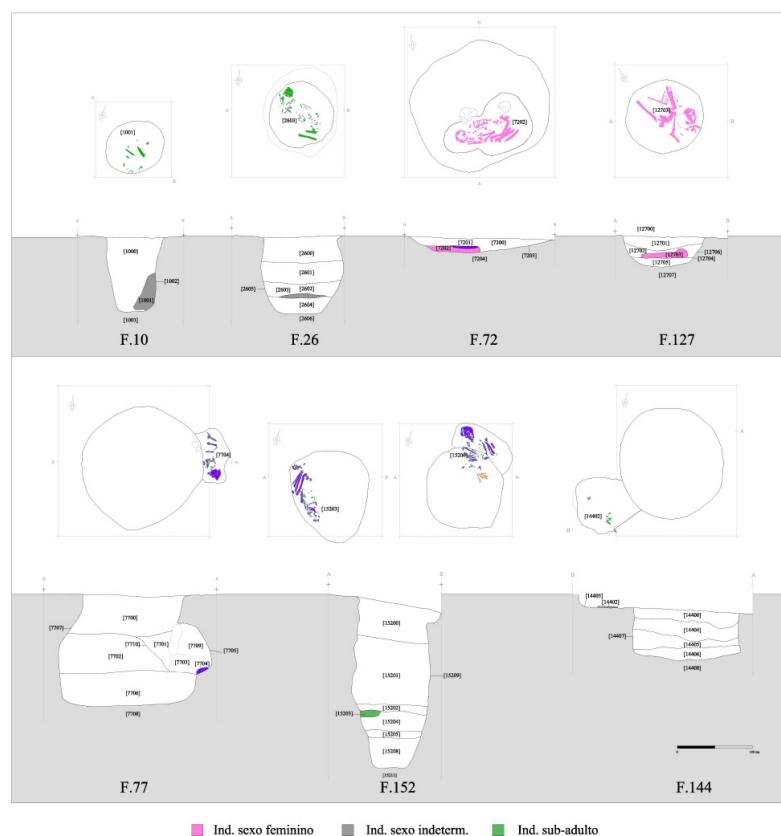


Figura 15 - Síntese dos níveis de inumação em fossa.



Figura 16 - Fossa 72: nível de inumação.



Figura 17 - Fossa 77: nível de inumação.



Figura 18 - Fossa 127: nível de inumação.



Figura 19 - Fossa 152: nível de inumação.



Figura 20 - "Covacho" da sondagem N.º 164: nível de inumação.



Figura 21 - Sondagem N.º 164: plano final.

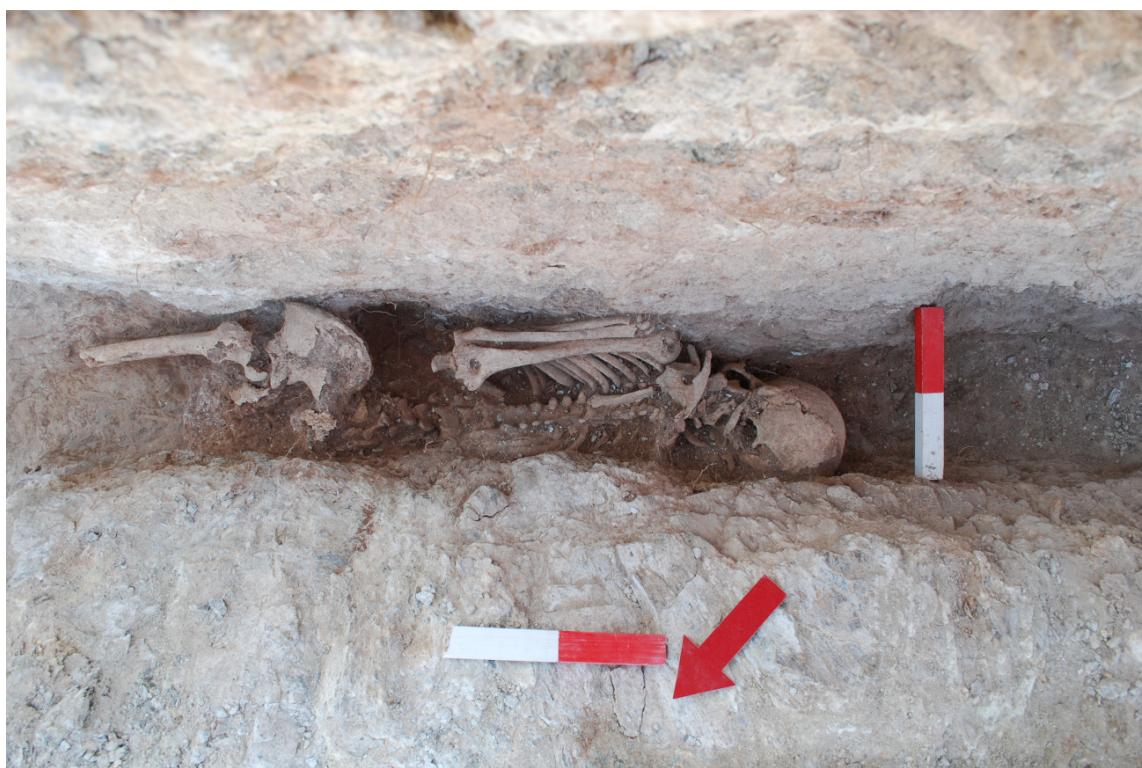


Figura 22 - Vala 33: nível de inumação.



Figura 23 - Vala 33: Contas de colar.